

Implicações táticas e estratégicas da completude do capitalismo

Igor Grabois

Durante décadas, a esquerda brasileira, em particular os comunistas, construíram seu eixo estratégico em torno de um projeto nacional. Segundo essa construção, a questão nacional no Brasil seria central, visto que o capitalismo surgiu fruto de uma revolução burguesa clássica. Ou seja, para a superação do modo de produção capitalista existiria a necessidade de se completar as etapas de desenvolvimento do capitalismo. Essa concepção, em variados graus de elaboração, moldou a estratégia e a tática da esquerda brasileira.

Para o PCB, seria necessário realizar a etapa burguesa da revolução, com caráter anti-imperialista e democrático, em suma, de afirmação nacional. A etapa democrático-nacional seria condição sine qua non para a revolução proletária. A consecução da revolução democrático-nacional pressupunha a existência de uma fração de classe - a burguesia nacional - que teria contradições com o imperialismo, sendo aliada da classe operária.

Nos anos 60, os limites da estratégia nacional-democrática já estavam claros. A direita do PCB se formou ao ressaltar o lado democrático da fórmula, haja visto a força do desenvolvimento capitalista, potencializado sob a égide da contra-revolução - o golpe de 64 - invertendo completamente a lógica dos comunistas.

A crítica à estratégia nacional-democrática carece de pesquisas, que transcendem o espaço dessa Tribuna de Debates. O que deve ser ressaltado é que o PCB, desde a sua reconstrução, ter realizado um esforço de superar a estratégia que foi sua marca por décadas. A razão dessa crítica foi a tática de direita do Partido nos anos 80, escorada na visão da necessidade de aliança com as frações da burguesia.

Nos 10º e 11º Congressos, o PCB afirmou, em suas resoluções, que capitalismo, em nosso país, é completo. A implicação estratégica - e conseqüentemente, tática - é a necessidade de se rever o caráter da revolução e das alianças.

O conceito do capitalismo completo foi formulado na segunda metade dos anos 90. Naquele momento, a política neoliberal estava no auge, com as privatizações e a desnacionalização da economia. A dinâmica aparente apontava para a desarticulação do processo produtivo capitalista no Brasil. Na contramão do senso comum, afirmava a maturidade do capitalismo no Brasil, a força da sua burguesia e seu domínio completo sobre o Estado.

O significado da completude do capitalismo não é apreendido de imediato. Melhora das condições de vida da população e desenvolvimento não caminham juntos necessariamente. Ao contrário, o crescimento econômico pode conviver com a deterioração das condições de vida dos trabalhadores. O conceito de completude é em relação ao estágio de desenvolvimento do modo de produção e das forças produtivas. O desenvolvimento capitalista não é linear. Sua definição é dada pelas relações sociais capitalista e sua dominância.

Existe em nosso país um departamento de produção de mercadorias de meios de produção. Desde 1980, o Brasil tem figurado entre o 5º e o 10º maiores produtores mundiais de bens de capital. Ao mesmo tempo, possui um diversificado departamento de produção de mercadorias de reprodução da força de trabalho. O setor bancário sustenta a circulação e a rotação do capital. As relações de produção capitalista no campo são

dominantes, realizando uma reforma agrária às avessas. O grande capital monopolista submete á sua dinâmica o pequeno capital.

Em um movimento que tem início, grosso modo, em fins do período FHC e nos albores da era Lula, alguns entraves ao livre curso da acumulação de capital foram superados. A restrição externa foi, em grande parte, vencida, com o endividamento externo caindo a uma proporção de menos de 20% do PIB. Com o crescimento da economia, a arrecadação do Estado aumentou, o que equacionou os problemas de financiamento do Estado, permitindo que o mesmo retome seu papel de indutor da acumulação de capital.

O movimento ascendente da acumulação de capital, após duas décadas de estagnação econômica, pouco tem haver com o governo Lula. A retomada da já dava sinais e, 2001, com o crescimento das exportações e a volta dos superávits comerciais. Neste sentido, existe continuidade entre FHC e Lula. FHC cumpriu as tarefas da privatização – transferência de controle da propriedade coletiva da burguesia ao empreendimento particular – e de controle da inflação. No governo Lula, foi possível o pacto das diversas frações da burguesia, onde as esferas produtivas e financeiras do capital têm nova articulação. No período Lula, os bancos lucraram como nunca. As empresas não financeiras, por seu turno, lucraram 4 vezes mais em comparação com os anos FHC.

Mais. O caráter monopolista do capital nunca esteve tão evidente. No período Lula, via BNDES, é que ocorrem as fusões da Oi com a Brasil Telecom, Perdigão com Sadia etc, etc. O número de multinacionais com matriz no Brasil se multiplicou, tudo induzido pelo governo brasileiro. O que era uma tendência se tornou uma realidade.

O capitalismo no Brasil atinge a fase imperialista, com uma política externa de Estado nessa direção. Esta é uma formulação diferente do conceito de sub-imperialismo, onde o Brasil cumpriria tarefas de mediação entre o centro e a periferia do sistema. Existem contradições no plano da concorrência capitalista, entre Brasil, EUA, União Européia e Japão. Os capitais com origem no Brasil tem curso autônomo, com penetração nos países ditos centrais, inclusive.

A política externa é uma política da expansão da burguesia brasileira no mercado internacional. O mesmo é válido para a política de defesa. Os planos de defesa e reequipamento militar foram gestados em conjunto com o departamento de indústria de defesa da FIESP. A compra de aviões e submarinos não constitui nenhuma surpresa.

A assunção ao governo do partido social-democrata tardio significa a consolidação da república democrática burguesa, pari passo como o estágio de desenvolvimento capitalista. O governo Lula é a expressão política do novo patamar de acumulação capitalista em nosso país.

As tarefas de construção do desenvolvimento capitalista foram cumpridas. Florestan Fernandes, nos anos 70, teorizou acerca das tarefas em atraso, abandonadas pela burguesia e que caberia aos trabalhadores cumprir. A elaboração de Florestan recicla a estratégia nacional-democrática, que já não conseguia dar conta da análise e da ação política dos trabalhadores. Não existem tarefas em atraso. A estratégia e a tática devem refletir este fato.

Para cumprir o objetivo de completar a transição capitalista, a política burguesa foi anti-democrática e necessitou reprimir os trabalhadores de forma brutal. A ditadura militar exerceu essa função. Com o crescimento da classe operária, de suas exigências econômicas e sua intervenção na conjuntura fez necessário instituir mecanismos de mediação. O PT no governo estabelece essas mediações exemplarmente.

O grau de desenvolvimento capitalista exige um mercado política que reflita o mercado em geral. Relações sociais capitalistas dominantes, tanto na cidade quanto no

campo, capital de caráter monopolista, capitalismo em fase imperialista e consolidação da mediação democrático-burguesa forma o cenário. Não há, decididamente, necessidade de se realizar tarefas nacionais e democráticas no sentido estratégico.

Na dimensão tática é possível que os trabalhadores levem lutas de caráter nacional e democrático. Mas essas lutas devem adquirir conteúdo anti-capitalista, de denúncia do capital. A formulação tática da Frente Anti-Capitalista dá um conteúdo de ação política para a estratégia socialista.

Há que se ter claro que a completude do capitalismo não significa o fim de sua expansão. A completude é relativa á estrutura, havendo perspectiva de existência do capitalismo por um bom período em nosso país. O que está posto é a necessidade de superação do modo de produção capitalista. Cabe aos comunistas a elaboração da estratégia e tática dos trabalhadores nesse contexto. Para tal, é preciso conhecer as limitações das lutas nacionais e democráticas. Nosso inimigo, o capital aparece em sua forma completa, despido das formações sociais anteriores.

Nas bases de uma estratégia socialista que se dará a reconstrução do movimento operário. Nossa tática, nossa política de alianças, nossa organização se balizam no enfrentamento ao capital, na consciência da necessidade de sua superação.